

Entrevista em tempos de pandemia: relato de experiência de entrevistas online e presencial¹

Interview in times of a pandemic: experience report of online and face-to-face interviews

Laiana Pereira da Silveira

Universidade Federal de Pelotas

RESUMO:

Este artigo foi desenvolvido enquanto a autora estava concluindo seu mestrado e buscou articular teoria e prática através dos conceitos e relatos de experiências discutidos na disciplina *Oralidade e arquivos orais*, de modo que pudessem ser aplicados ao campo de estudo da pesquisadora. Com o objetivo de transformar o repertório debatido em instrumentos que auxiliassem no desenvolvimento de um estudo maior, neste caso a dissertação de mestrado da autora, que se encontra em andamento e tem como uma das principais etapas de coleta de dados a entrevista, optou-se por relacionar os conceitos vistos na disciplina com o principal elemento de estudo presente no tema da dissertação, o vestuário. Entende-se a importância do vestuário como suporte de memória, evocado em muitos momentos. Argumenta-se, com base nos autores selecionados, a relação do vestuário com a construção e evocação de memórias através de relatos orais.

Palavras-chave: Oralidade; entrevista; vestuário.

ABSTRACT:

This article was developed while the author was finishing her Master's degree, and sought to articulate theory and practice through the concepts and experience reports discussed in the *Orality and Oral Archives* course, so that it could be applied to the researcher's field of study. In order to transform the discussed repertoire into instruments that help in the development of a larger study, in this case the author's Master's dissertation, which is in progress and has the interview as one of the main stages of data collection, we chose to relate the concepts seen in the course with the main element of study present in her dissertation topic, clothing. It is understood the important relationship of clothing as a support of memory evoked in many moments. It is argued based on the selected authors, the relationship of clothing in the construction and evocation of memories, through oral reports, considering it as potential spaces for memories.

Key-words: Orality; interview; clothing.

DOI:10.12957/mnemosine.2023.76232

Considerações iniciais

O presente estudo parte de três pontos principais, sendo eles: o uso da oralidade

como fonte de estudo; entrevistas realizadas no formato virtual e presencial, e o vestuário como suporte de memória. Para dar início ao estudo acerca da oralidade, optou-se por compreender melhor as narrativas (ALBERTI, 2012), características dos relatos orais (ERRANTE, 2000), os procedimentos de realização das entrevistas à distância (SANTHIAGO e MAGALHÃES, 2020) e, por fim, entender a relação do vestuário com as memórias e a oralidade (STALLYBRASS, 2008).

Através desta pesquisa, será possível unificar a teoria à prática, por meio da implementação do que foi estudado nas coletas de relatos. Analisam-se também os pontos positivos e negativos da realização de uma entrevista através do ambiente virtual, firmando um comparativo com a entrevista presencial e partindo da ideia de que a autora realizou entrevistas nos dois formatos. Quanto aos relatos que serão apresentados, deve-se levar em consideração que a experiência da autora se restringe a duas entrevistas, uma em cada formato.

A justificativa para a escolha da temática a ser abordada é da relevância interdisciplinar, percebendo, portanto, que a pesquisa que relaciona áreas como vestuário, oralidade, entrevistas à distância e presencial pode ser significativa no contexto dos estudos que hoje se realizam. Considerando que do ano de 2020 até o momento atual, devido à pandemia do COVID-19, o ambiente virtual foi adotado para diversas atividades, inclusive as coletas de dados, os dois formatos foram adotados. Busca-se também contribuir para que se entendam os desafios e benefícios dessa nova forma de coleta, a modalidade à distância.

À realização deste estudo, será utilizada como instrumento metodológico a pesquisa bibliográfica, analisando e relacionando conceitos abordados na disciplina *Oralidade e arquivos orais* a exemplos vinculados ao vestuário. Busca-se a compreensão dos conceitos basilares para o presente estudo e, num segundo momento, apresenta-se o relato de experiência da autora a respeito da realização das duas formas de entrevista.

A narrativa é uma noção estimada pela definição de Verena Alberti (2012), atualizada para o 3º Manual de História Oral, como o modo em que as pessoas se colocam. Antes, a autora referia-se ao que o entrevistado dizia como “versões”, o que foi atualizado e reformulado (ALBERTI, 2012). Ao invés de “versão”, ela procura utilizar palavras como “narrativa, relato e entrevista”. Aqui, especificamente, será

usado o termo *relato*.

Diante dessa primeira definição, para conhecer a sociedade de determinada época, na esfera cultural, econômica, política, social, tecnológica, entre tantas outras, devido a minha formação, opto por recorrer a narrativas de vida com o foco no vestuário. Essa categoria oferece muitas informações relacionadas à historicidade. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, devido às cadernetas de consumo implementadas em determinados lugares, como a França, devido à escassez de produtos, viu-se que o consumo de vestuário era rigorosamente controlado (VEILLON, 2004).

As meias-calças, que eram de seda e, na transição de 1939 para 1940, haviam sido produzidas com nylon pela Dupont, e tinham sido o maior sucesso, já não eram mais produzidas. O *boom* durou pouco, pois a Dupont só teria permissão de vender o material sintético - o nylon – para a produção de paraquedas para os soldados e outros objetos militares. E as mulheres se reinventaram com um produto químico e um objeto utilitário que apoiavam na parte de trás da perna e que fazia apenas a linha da meia-calça, para dar a ilusão de que estavam usando uma (VEILLON, 2004).

Para além das questões apresentadas acima e da materialidade, estudar um objeto como o vestuário, que faz parte integral da vida social da humanidade, é acima de tudo estudar costumes, gostos, tradições, cultura, distinções de classe, gênero, etnia, técnicas, etc. Como diz o antropólogo britânico Daniel Miller, as “roupas representam diferenças de gênero, mas também de classe, nível de educação, cultura de origem, confiança ou timidez, função ocupacional em contraste com o lazer noturno” (MILLER, 2013, p. 21).

Corroborando o que foi apresentado, Peter Stallybrass traz, em sua obra *O casaco de Marx: roupa, memória, dor* (2008), a relação da roupa com a memória. Em certo trecho, o autor reflete sobre nossas memórias estarem no cheiro, nas manchas, nos puídos, em qualquer marca que possa ter se fixado ao tecido:

Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, os nossos amigos e os nossos amantes morrem, as roupas ainda ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos ao mesmo tempo confortadores e aterradores, tocando os vivos com os mortos. [...] Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem. Elas circulam através de lojas de roupas usadas, de brechós

e de bazares de caridade. Ou são passadas de pai para filho, de irmã para irmã, de irmão para irmão, de amante para amante, de amigo para amigo (STALLYBRASS, 2008, p. 10-11).

O que foi apresentado por Stallybrass (2008) parte de um relato pessoal sobre a perda de seu melhor amigo e o uso de uma jaqueta que era muito especial para os dois. Através da ausência do amigo, Stallybrass (2008) ressignificou o entendimento que tinha do vestuário até aquele momento e passou a enxergá-lo com outros olhos. Compreendeu que por meio daquela materialidade podia se aproximar novamente de seu amigo, que não estava mais no mesmo plano. A historiadora Ivana Simili (2012) argumenta sobre a relação existente entre as roupas e a construção das nossas memórias, *que “elas constituem os restos e os rastros do passado, na forma de panos, que tecem os tecidos da memória”* (SIMILI, 2012, p. 2, grifo nosso).

Diante da reflexão trazida por Stallybrass (2008), bem como do que foi abordado por Miller (2013) e Veillon (2004), somado ao argumento de Simili (2012), compreende-se como o vestuário pode ser importante e complementar num estudo que tem como técnica de coleta de dados a entrevista. Segundo o que foi apresentado acima, entende-se que o formato oral para coleta de dados pode ser benéfico para estudos voltados ao campo do vestuário. Os relatos podem apresentar uma vasta gama de informações, complementares a pesquisas bibliográficas e documentais. O indivíduo que lembra, ao ser perguntado, sobre determinada roupa ou período ou momento, lembra de um contexto muito mais amplo do que ali foi questionado.

A importância dos relatos

Antoinette Errante (2000) evidencia uma característica memorial extremamente importante de se ter consciência quando se trabalha com relatos orais e o passado: “nossa memória permite-nos tanto lembrar quanto esquecer. A qualquer momento, nós podemos lembrar, esquecer, e reinventar certos aspectos de nosso passado pessoal e coletivo” (ERRANTE, 2000, p. 162). A autora também aponta que todas as narrativas são de identidade, independente da sua tipologia: pessoal, coletiva, oficial, etc (ERRANTE, 2000). No caso das duas entrevistas realizadas, ambas foram a respeito de um estudo maior, relacionado ao vestuário da década de 1980 na cidade de Pelotas: a partir das indagações realizadas, os relatos compartilhados foram representações da realidade (ERRANTE, 2000).

Complementando, Errante (2000) fala sobre as narrativas salientarem o

alinhamento de quem conta com determinados fatores, pessoas, situações, e isso fica extremamente evidente quando, no meio da entrevista presencial realizada, a participante traz em seu relato questões de consumo consciente e responsabilidade social. Por mais que esses fatores não fizessem parte do *lifestyle* da época estudada, a entrevistada fez questão de deixar claro seu posicionamento sobre consumo de moda.

A definição de memória da filósofa Cláudia Cerqueira do Rosario (2002), em seu estudo *O lugar mítico da memória*, corrobora o que Errante (2000) apresenta, Rosario (2002, p. 3) diz que “a memória nos identifica como indivíduos e como coletividade”. Portanto, coletar relatos orais acaba se tornando extremamente importante nas pesquisas e para conhecer a própria história - assim como o vestuário, que transita do individual para o coletivo, para o social. A oralidade, a memória e o vestuário andam lado a lado.

É importante também observar nos relatos, tanto da entrevista virtual quanto da presencial, que por mais que o pesquisador tenha um roteiro de perguntas pré-estabelecido, em alguns momentos as pessoas querem compartilhar outras informações. Esses acontecimentos acabam prolongando as entrevistas, pois num primeiro momento são informações não relevantes para a pergunta realizada, mas para chegar às respostas que buscamos, precisamos ouvir o que as pessoas desejam contar. E através dessa escuta, podemos descobrir infinitudes de informações que podem ajudar na pesquisa. Mediante perguntas elaboradas de forma fechada, talvez elas não fossem compartilhadas nos relatos. Por isso, é importante manter a flexibilidade na condução da entrevista, respeitar o tempo de relato, não cortar a fala do participante - o que é mais fácil de acontecer numa entrevista presencial do que na virtual, devido ao tempo de retorno das mensagens.

A questão de saber ouvir, de ter paciência, de escutar a história do outro mesmo que naquele momento não faça sentido para o objetivo do pesquisador, foi compreendida na prática apresentada pelos autores Mesquita, Barreto e Silva (2013), no estudo *O coser das memórias de aluna, de operária e de professora na roça: as experiências de Luzia Honória dos Santos* - artigo publicado na Revista da Associação Brasileira de História Oral, e apresentado pela autora na disciplina *Oralidades e Arquivos orais*.

Através desse estudo, por meio dos objetivos dos autores, compreendeu-se a

importância de se posicionar no lugar do outro, e de entender que escutar atentamente faz toda a diferença, pois o entrevistador precisa da pessoa com uma experiência de vida diferente da dele. Os autores, que buscavam costurar uma colcha de retalhos das memórias da personagem por meio das suas narrativas rememorativas, procuravam focar nas experiências da personagem como professora e, para isso, escutaram suas experiências como aluna e como operária. Ao final, compreenderam que todos os elementos e acontecimentos fizeram parte da construção da professora: “como os fios que compõem um tecido, essas memórias constituem uma história” (MESQUITA, BARRETO e SILVA, 2013, p. 102).

Nesse artigo, os autores queriam saber sobre a história da educação de um lugar num tempo específico, e se depararam com relatos de uma personagem, de outros tempos da vida dela, que ajudaram a construir a história da educação. Os próprios autores concluem que essa colcha de retalhos foi construída a partir de fragmentos de memórias (MESQUITA, BARRETO e SILVA, 2013). E que, para chegarem onde queriam, as informações sobre a história da educação sergipana “vista de baixo”, tiveram de escutar os relatos memoriais de sua personagem principal enquanto aluna, enquanto operária e do modo como ‘tornar-se professora’ foi um trajeto percorrido da infância até a vida adulta.

Entrevista online x entrevista presencial

Através de estudos recentes que levantam reflexões acerca da realização de entrevistas à distância, foi possível pensar sobre sua aplicabilidade, realizar e fazer um comparativo com a entrevista presencial. Os professores Ricardo Santhiago e Valéria Magalhães trazem, em seu estudo *Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância* (2020), alguns apontamentos que foram levados em consideração para a realização da entrevista virtual analisada neste artigo e também para o embasamento do mesmo. Esse estudo surgiu a partir das demandas de pesquisa e da impossibilidade do contato presencial devido à pandemia de COVID-19.

Os autores começam falando sobre a presença física e de sua importância hoje: “a presença física não é mais um critério de definição do que se considera uma relação social” (SANTHIAGO e MAGALHÃES, 2020, p. 2). Apesar disso, compreende-se que a proximidade física pode ser um fato que quebra a barreira do profissionalismo, tornando a dupla entrevistada-entrevistadora pessoas mais íntimas, seja pelo local

escolhido para o encontro, seja pela interação que pode ir além de uma conversa e alcançar, digamos, o nível de uma refeição - sendo a alimentação e a troca de experiência fatores que proporcionam, na maioria das vezes, bons momentos.

No caso das entrevistas realizadas² para a pesquisa de vestuário na década de 1980, como as entrevistadas tinham peças da época - ou recém se tinham desfeito delas -, a relação social por meio da presença física foi um critério importante, visto que a conversa, em determinados momentos, saía do ambiente externo da casa da entrevistada e passava para o ambiente mais íntimo, seu quarto - onde, com muita satisfação, a participante expusera suas peças de vestuário, podendo novamente recordar os momentos em que as utilizara.

De acordo com a experiência da autora com os dois formatos de entrevista realizados, notaram-se algumas particularidades ocorridas devido às características distintas da interação entrevistada-entrevistadora. Além da questão acima, havia também pontos muito positivos quanto ao formato virtual. Por exemplo, a participante que foi entrevistada na modalidade à distância teve a possibilidade de participar do estudo exatamente por isso, pois atualmente não reside mais na cidade da pesquisadora.

Entretanto, questões que nitidamente ficaram prejudicadas no formato virtual foram: o ritmo da narrativa; o intervalo entre as indagações; a observação da gestualidade - questões levantadas por Santhiago e Magalhães (2020) e também observadas no comparativo das entrevistas. A partir da experiência, pôde-se perceber questões relevantes que podem ser fatores que influenciem no resultado do estudo proposto. Por exemplo, por mais que a opção virtual seja viável neste momento, para quem pesquisa objetos de estudo palpáveis a materialidade é extremamente importante. Como dito acima, houve o fato de a participante relatar suas experiências e posteriormente expor as peças de vestuário que faziam parte dos relatos, o que não ocorre na entrevista virtual. Considera-se que:

As histórias que as roupas contam são dos costumes, das maneiras, dos relacionamentos, das regras sociais. Mas também são histórias de tecnologia, de manufatura, de gosto, de tradições. As roupas têm esse poder, de guardar as curvas de quem as usou, o suor, o pó [..] (BENARUSH, 2015, p. 100).

Neste caso em específico, a entrevistada, quando mostra a roupa que usou na sua formatura da faculdade, durante a década de 80, relembra que comprou de mãe e filha, que tinham negócios revendendo roupas, e que as roupas eram mais rotineiras;

mas ela gostou tanto do tecido com estamparia étnica, um tecido exótico, como ela gosta de chamar, que escolheu aquele conjunto para comemorar sua formatura. E lembra que foi um sucesso por não ter seguido os padrões da época, de tecidos e modelagens de festa.

Ao rever o conjunto, ela também gosta de reforçar que nunca mudou a modelagem da blusa, mas que a usou até quando as medidas de seu corpo permitiram. Já a saia estava na sua terceira modelagem. Após a formatura, até os dias de hoje, a saia sofreu duas intervenções ao longo da sua vida social, para que pudesse continuar sendo usada - detalhes que a participante se importava em relatar, junto à afirmação de se sentir responsável pelos resíduos têxteis que gerava e, portanto, de sua responsabilidade social e consciente de consumir e passar adiante. Aqui, nota-se como a participante alinha seu presente com o passado, tornando suas memórias significativas, o que faz o presente ser também significativo, como abordado por Errante (2000).

Vale ressaltar que, diferente do caso acima, em que a entrevistada, no momento da conversa presencial, mostrava as peças, a entrevistada que participou da pesquisa através do formato virtual teve a possibilidade de encaminhar registros fotográficos das peças que possui. Porém isso aconteceu em outro momento, após a conclusão da entrevista, impossibilitando que a conversa seguisse de forma orgânica.

Evidentemente, devido à formação da autora, tanto na área técnica quanto na superior, ser voltada aos têxteis, existem características de conservação que podem ser notadas de forma mais precisa através da experiência sensorial do tato, do olfato e da visão - o que pode ser prejudicado quando o contato com o objeto é feito mediante um registro fotográfico, considerando principalmente o fato de este último estar em 2D.

Aspectos conclusivos

Diante da experiência aqui exposta, acredita-se que cada pesquisa vem carregada de particularidades, e que a coleta de dados através de relatos orais traz consigo inúmeras possibilidades de aplicação. É importante considerar como prioridade o objetivo da pesquisa, assim como o problema a ser respondido. A partir disso, pode-se modelar as formas de coleta de maneira que otimizem o processo, visando atingir os resultados.

A escolha dos procedimentos metodológicos adequados tanto para coleta

quanto para análise também faz muita diferença no andamento de uma pesquisa. Como apresentado aqui, devido à pesquisa maior se ter iniciado no começo da pandemia de COVID-19, entendeu-se necessário realizar entrevistas no formato virtual por questões de segurança – aspecto levantado por Santhiago e Magalhães (2020), que apontam a entrevista virtual como frutífera e necessária. Porém a carência de materiais bibliográficos que validassem tal tipo de coleta era significativa. Diante disso, aguardou-se o máximo de tempo possível, até que, ao final de 2020, já havia estudos que comprovavam a eficácia do formato virtual de coleta de dados.

Obviamente, a entrevista em formato virtual facilitou muito a pesquisa, por questões de disponibilidade de horário, economia com deslocamento e acesso a participantes que não morassem perto. Então, apesar de um momento mais objetivo da entrevista não se prolongar tanto, das intempéries causadas por instabilidade de conexão e tempo de fala, o uso do formato virtual para a entrevista é positivo. Nota-se que ambos os formatos possuem prós e contras. Santhiago e Magalhães (2020) relatam, em seus estudos, que por enquanto existem mais perguntas do que respostas referentes à legitimidade e ao valor da entrevista virtual.

Este é um debate que segue aberto, e espera-se que, assim como o presente relato de experiência compartilhado, venham tantos outros para que se possa ter uma percepção mais ampla sobre esse novo procedimento metodológico. Assim como Santhiago e Magalhães (2020) afirmam ter contribuído, através do artigo, de forma inicial e a partir de sua experiência, este também é o caso do presente estudo, que parte de uma necessidade de adaptação diante da pandemia, de um cronograma curto e do comparativo de dois formatos de entrevista.

A entrevista presencial, por exemplo, por escolha da participante, foi realizada na casa da mesma, num ambiente aberto e arejado, onde ambas estavam de máscara e já com duas doses da vacina; na entrevista virtual, objetiva e consideravelmente rápida, o foco era mantido por ambas as partes, podia-se notar. Nesse caso, antes da entrevista acontecer, foi acertada a plataforma a ser usada e foi enviado o termo de autorização do uso da imagem - termo esse que também foi lido no início da conversa, obtendo a autorização de forma oral. Na entrevista presencial, diferentemente, o termo foi assinado e a participante pôde ter acesso ao documento físico.

Acredita-se que para encontrar resultados mais eficazes na pesquisa de

mestrado da autora, o ideal teria sido realizar as entrevistas de forma presencial, o que não pôde ocorrer devido ao cronograma de pesquisa. Pensa-se isso porque, ao observar a forma como aconteceram as entrevistas, a que teve a interação de ambas as partes com a materialidade foi mais interessante, mais completa e mais fluida. Obter os relatos, complementando com os registros visuais e fotográficos das peças de vestuário, propiciou uma experiência mais completa do que a mera entrevista no ambiente virtual.

Referências

- ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. *História Oral*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 159-166, 2012.
- BENARUSH, Michelle Kauffmann. Por uma museologia do vestuário: patrimônio, memória, cultura. In: MERLO, Márcia (org.). *Memórias e museus*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015. p. 99-112.
- ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. *História da Educação*, Pelotas, v. 4, n. 8, p. 141-174, 2000.
- MESQUITA, Ilka Miglio de; BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; SILVA, Rony Rei do Nascimento. O coser das memórias de aluna, de operária e de professora na roça: as experiências de Luzia Honória dos Santos. *História Oral*, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 101–127, 2013.
- MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- ROSARIO, Cláudia Cerqueira do. O lugar mítico da memória. *Morpheus*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2002.
- SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 27, 2020.
- SIMILI, Ivana Guilherme. Memórias trajadas: roupas e sentimentos no diário íntimo de uma prostituta. *CLIO*, Recife, v. 30, n. 2, p. 1-23, 2012.
- STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupa, memória, dor*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- VEILLON, Dominique. *Moda e guerra: um retrato da França ocupada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Laiana Pereira da Silveira
Doutoranda e Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural (ICH/UFPEL).
Universidade Federal de Pelotas
E-mail: laianasilveira@gmail.com

¹ O presente trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² As entrevistas foram realizadas com mulheres que vivenciaram a década de 1980 na cidade de Pelotas enquanto jovens, com o intuito de descobrir mais sobre os vestuários que foram guardados desde aquela época até os dias atuais, as formas de preservação, as razões por que ainda estão sendo guardados, em que momentos foram usados, etc.